

Transição ecológica exige partilha de conhecimento de todas as ciências

“E Se...?/What if...?” O papel da ciência e da cultura científica no futuro da Europa esteve ontem em destaque na Universidade de Coimbra. Não há, actualmente, conhecimento que assegure a transição ecológica, disse ministro

Todas as ciências são chamadas ao processo de transição ecológica que o mundo precisa e os jovens, «que têm a natureza no coração», são peça-chave nessa transformação. Estas afirmações, embora ditas de forma diferente, estiveram presentes nas intervenções da conferência “E Se...?/What if...? A Ciência e a Cultura Científica no Futuro da Europa”, que ontem decorreu na Universidade de Coimbra, com a presença do ministro Manuel Heitor.

Promovida pela agência Ciência Viva, a conferência, que se tem replicado no país num ciclo que procura colocar os jovens nascidos após a entrada de Portugal na União Europeia em diálogo com os que contribuíram para construir a Europa de hoje, incluiu a atribuição, pelo Governo, da medalha de mérito científico a Boaventura Sousa Santos, director emérito do Centro de Estudos Sociais da UC.

Dada a voz aos jovens, Daniela Agostinho e Mafalda Gonçalves, da Escola Secundária da Quinta das Flores, expressaram a vontade de experienciarem outros sistemas de ensino do mundo, num horizonte de partilha de conhecimento e num quadro de pertença a uma comunidade europeia. Logo, de maior mobi-



Boaventura Sousa Santos foi distinguido com a medalha de mérito científico

Medalha dedicada a Maria Irene Ramalho e a Mariano Gago

A pedido de Manuel Heitor, foram as jovens Daniela Agostinho e Mafalda Gonçalves que entregaram o diploma e medalha de mérito científico a Boaventura Sousa Santos. Ao receber a distinção, o investigador

dedicou a medalha a Maria Irene Ramalho e a José Mariano Gago. A primeira por razões óbvias, por ser a companheira de há 60 anos, curiosamente já distinguida com igual medalha. Já o “tributo” a Mariano

Gago, antigo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, foi pelo papel que teve ao colocar as humanidades ao nível das outras ciências. «Dizia que todas são válidas», recordou Boaventura Sousa Santos. ◀

lidade. As estudantes lembraram que o saber não é só teórico, nem pode ser só o «despejar de matérias», defendendo o investimento em outras competências.

PRR em Portugal não investe em ciência e “vai ser um fracasso”, vaticina Boaventura Sousa Santos

Francisco Silva, também jovem mas já no ensino universitário, defendeu igualmente as virtudes da partilha de conhecimento e da mobilidade, que não apenas a Erasmus.

Boaventura Sousa Santos, que se dirigiu directamente aos jovens, lembrou que Portugal é «um país de desenvolvimento intermédio, há muitos séculos», e está numa Europa em que não manda, nem sempre consegue o que quer para o futuro da Europa.

O cientista, que falou no «copo meio vazio» sabendo que o ministro iria depois falar do «copo meio cheio», defendeu que a transição ecológica exige conhecimento e pensamento fundamentado, requer o contributo e cruzamento de todas as ciências, incluindo as humanidades.

A propósito, o professor jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de

Coimbra, criticaria o Plano de Recuperação e Resiliência português, que «vai ser um fracasso», vaticinou, ao lamentar a falta de investimento na investigação e na ciência, eliminando precariedades nesta área, como sucede com o PRR de Itália.

Manuel Heitor pegou nas palavras de Boaventura Sousa Santos e na História recente de Portugal e da Europa, para lembrar que «há 40 anos o copo estava mesmo vazio». Para passar de meio cheio a cheio terá, na próxima década, de eliminar a precariedade no Ensino Superior, investir 3% da riqueza produzida na ciência e garantir uma maior percentagem de população graduada, argumentou o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Para tanto terá de enfrentar os desafios colocados pela demografia, pelo conhecimento (não há hoje conhecimento que garanta a transição ecológica), sem descurar as condições de trabalho, que têm de ser dignas, e o debate de ideias, do diálogo.

Na sessão, que decorreu no Museu da Ciência da UC, participaram ainda Rosalia Vargas, presidente da Ciência Viva, Paulo Trincão, director do Exploratório e do Museu de Ciência, e as cientistas Helena Freitas e Cláudia Cavadas. ◀